

O ensino de música no contexto escolar

Castilho, Eleide Gonçalves

Veröffentlichungsversion / Published Version

Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Castilho, E. G. (2001). O ensino de música no contexto escolar. *ETD - Educação Temática Digital*, 2(2), 181-192.
<https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-105683>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer Free Digital Peer Publishing Licence zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den DiPP-Lizenzen finden Sie hier:
<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

Terms of use:

This document is made available under a Free Digital Peer Publishing Licence. For more information see:
<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

O ENSINO DE MÚSICA NO CONTEXTO ESCOLAR¹

Eleide Gonçalves Castilho

RESUMO: O tema deste Trabalho de Conclusão de Curso refere-se ao ensino de Música no contexto escolar, tendo como objetivo central alertar para a importância da Arte, e mais especificamente da Música, na formação escolar de nossos alunos e alunas. O texto está organizado em quatro capítulos. No primeiro, “A composição da escala”, são expostos os motivos e os interesses que motivaram a realização deste estudo. Em seguida, “Fazendo Arte”, desenvolve-se uma reflexão sobre a trajetória do ensino de Música nas escolas brasileiras, alertando para o fato de que, infelizmente, na nossa tradição escolar, o ensino de Arte é considerado um conhecimento supérfluo, menos importante que o de outros componentes curriculares. No terceiro capítulo, “A Música faz parte”, situa-se brevemente o caminho percorrido pela Música desde as primeiras civilizações, ressaltando-a como uma das formas de expressão significativas da Arte que faz parte há muito tempo da vida dos seres humanos. Discute-se, ainda, a educação musical na escola como uma oportunidade para que os alunos aprendam Arte aprendendo Música. Tomando como referência as múltiplas linguagens do patrimônio musical da humanidade, compreende-se que é na relação dialética entre este e o patrimônio musical dos alunos que o professor deve buscar os caminhos para tematizar o ensino de Música na escola. No “Compasso Final”, conclui-se este estudo ressaltando que o Curso de Pedagogia da UNICAMP deixou a desejar no que diz respeito ao ensino de Arte e de Música na escola. Isso, certamente, colabora para que a Arte continue sendo colocada de lado no nosso sistema escolar ou, ainda, seja inúmeras vezes reduzida a um “verniz de superfície”.

PALAVRAS-CHAVE: Música - Estudo e ensino; Escola - Música

¹ Orientação do TCC, Profa. Dra. Eliana Ayoub.

A COMPOSIÇÃO DA ESCALA

DOces sons
REunidos em melodias
MIsturam-se e
Falam ao
SOL e à lua, as
LÁgrimas e risos de verdadeiras
Situações em que se buscam
sentimentos em forma de canção.
(Eleide)

Músicos em seus lugares...
Instrumentos em suas posições...
Silêncio... Ajustação...
A melodia se inicia...
Uma intensa vibração, um enorme
deslumbre toma conta de meu ser...
Som... silêncio... melodia...

Vivendo no meio de orquestras nasceu
minha paixão pela música, ascendendo
em mim o desejo de aprender a tocar
para também poder participar daquela
orquestra.

Como delirava aos sons daqueles
instrumentos e desejava estar entre
eles...

Em casa encantava-me ao som do
clarinete de meu pai (músico da
orquestra) que ensaiava as melodias
tocadas por eles... *“Perder-se na música
é uma alegria estranha: ao preço da
própria unidade ficamos a ponto de
deixarmo-nos quebrar, de confundirmo-
nos com sobressaltos”* (SNYDERS,
1997, p.80).

Como era lindo!

De vez em quando dedilhava meus
pequenos dedos desajeitados no
teclado do órgão, imaginando que como
num passe de mágica, ao simples tocar

nas teclas, o som se fundiria e comporia
uma linda canção...

Porém, o máximo que conseguia era
produzir um emaranhado de sons, o que
me inquietava.

Ah! Quando poderei tocar lindas
canções?

O tempo passou...

Aos dez anos, tive a oportunidade de
iniciar meus estudos na área musical,
primeiramente tocando órgão, e algum
tempo depois, piano.

Minha primeira aula foi repleta de
emoção!

Iria finalmente aprender o DÓ, RÉ, MI,
FÁ...

Alguns anos depois...

Estava cursando o último ano do Ensino
Médio e preparava-me para prestar o
vestibular.

Qual curso iria cursar?

Música? Minha antiga paixão?

Ou Pedagogia, meu novo amor?

Decidi-me, então, pela área da
educação.

Prestei vestibular...

No dia de pegar o resultado no jornal
tive medo...

Passei!

Acho que foi um dos dias mais felizes
de minha vida! Iria estudar na
UNICAMP!

Nossa! Nem acreditava! Beslicava-me para ver se não estava sonhando.

Nessa nova etapa, comecei a me questionar:

Como poderei trabalhar com crianças e com música?

EDUCAÇÃO & MÚSICA?

Será que dá certo?

Norteadada por essas perguntas, nasceu um grande desejo de relacionar esses temas para **compor** o restante da **escala**: SOL, LÁ, SI... DÓ...

Foi, então, que decidi fazer este trabalho sobre o ensino de Música no contexto escolar.

DO universo da Música

REsignifiquei

Minha experiência...

FAzendo Arte,

SOLfejei meus primeiros

LAços entre a Música e a

Educação, buscando

Significados para compor
minha música.

(Eleide e Eliana)

FAZENDO ARTE

“A gramática da arte é o meio pelo qual experimentamos os significados que as obras possibilitam. As obras de arte falam o inefável, cultivam a sensibilidade, para que o sutil possa ser visto, o secreto revelado. Em resumo, a arte nos ajuda a conhecer o que não podemos articular” (EISNER, apud LEITE, 1998, p.135).

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96),

“Art. 35 – O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, para desenvolver a criatividade, a percepção e a sensibilidade estética, respeitadas as especificidades de cada linguagem artística, pela habilitação em cada uma das áreas, sem prejuízo da integração das artes com as demais disciplinas ” (SAVIANI, 1997, p.85).

No entanto, a obrigatoriedade da Lei, por si só, não garante que o ensino de Arte na escola seja desenvolvido com a qualidade necessária para que os alunos terminem a sua formação escolar **fazendo arte**, ou seja, compreendendo as múltiplas facetas que envolvem o universo da arte a fim de que “(...) *sua produção artística ganhe sentido e possa se enriquecer também pela reflexão sobre a arte como objeto de conhecimento*” (BRASIL, 1997, p.43).

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais de ARTE (BRASIL, 1997), o fenômeno artístico é entendido como produto das culturas e como parte da História.

Nessa perspectiva, o conhecimento da ARTE, proposto por este documento, envolve:

- “a experiência de fazer formas artísticas e tudo que entra em jogo nessa ação criadora: recursos pessoais, habilidades, pesquisa de materiais e técnicas, a relação entre perceber, imaginar e realizar um trabalho de arte;

- a experiência de fruir formas artísticas, utilizando informações e qualidades perceptivas e imaginativas para estabelecer um contato, uma conversa em que as formas signifiquem coisas diferentes para cada pessoa;

- a experiência de refletir sobre a arte como objeto de conhecimento, onde importam dados sobre a cultura em que o trabalho artístico foi realizado, a história da arte e os elementos e princípios formais que constituem a produção artística, tanto de artistas quanto dos próprios dos

próprios alunos” (BRASIL, 1997, p.43-44).

Apesar desta riqueza e amplitude de possibilidades, infelizmente, na nossa tradição escolar, o ensino de Arte é considerado um conhecimento supérfluo, menos importante que o de outros componentes curriculares. Muitas vezes, esta área tem sido vista como suporte para outras disciplinas.

Ao longo do curso de Pedagogia, realizei vários estágios em instituições públicas e particulares, comprovando que o ensino de Arte e de suas múltiplas linguagens é muito deficiente no nosso sistema escolar.

Entretanto, o curso de Pedagogia deixou muito a desejar no que se refere ao ensino de Arte na escola e, especificamente, ao ensino de Música. Isso, certamente, colabora para que a Arte continue sendo deixada de lado no nosso sistema escolar ou, ainda, seja reduzida a um “verniz de superfície”, conforme explicitado nos PCNs de Arte (BRASIL, 1997, p.31)

“A questão central do ensino de Arte no Brasil diz respeito a um enorme descompasso entre produção teórica, que tem um trajeto de constantes perguntas e formulações, e o acesso dos professores a essa produção, que é dificultado pela fragilidade de sua formação, pela pequena quantidade de livros editados sobre o assunto, sem falar nas inúmeras visões preconcebidas que reduzem a atividade artística na escola a um verniz de superfície, que visa as comemorações de datas cívicas e enfeitar o cotidiano escolar”.

Lamentavelmente, o ensino de Arte é reduzido, na maioria das vezes, a desenhos com temas livres ou dirigidos pelo professor ou, ainda, a desenhos MIMIOGRAFADOS. Isso traz

inúmeras conseqüências para formação dos alunos, pois se a Arte é expressão, é linguagem, limitá-la a

“(…) uma técnica dirigida, é aniquilar experiências e descobertas, reduzi-las a exercícios psicomotores e cópias de modelos estereotipados a serem julgados pelos adultos. Como pode a criança decodificar os sinais, penetrar nas regras, repensar o estabelecido, se, todo tempo, há alguém para lhe dar modelos a serem seguidos e copiados de forma imperiosa e inquestionável? É realmente necessário que se cubram pontilhados? Ou que se pinte aquele desenho mimeografado sem sair do espaço delimitado? ...Se o desenho é uma forma que a criança tem de estar todo o tempo se relacionando, interagindo diretamente com o seu entorno, as atividades de cópia ou colorido dão a ele um outro significado – um sentido de coisa esvaziada e repetitiva” (LEITE, 1998, p.145-146).

Especificamente em relação ao ensino de Música, torna-se imprescindível considerarmos que a linguagem musical, assim como as outras linguagens artísticas, sempre esteve associada às tradições e às culturas de cada época.

Nesse sentido, se estamos interessados que os nossos alunos aprendam Arte, aprendam Música, **fazendo Arte, fazendo Música**, precisamos apostar numa proposta de ensino que abra espaço para a diversidade, a fim de que se torne possível *“(…) ao aluno a construção de hipóteses sobre o lugar de cada obra no patrimônio musical da humanidade, aprimorando sua condição de avaliar a qualidade das próprias produções e a dos outros”* (BRASIL, 1997, p.75).

Penso que, através do conhecimento de diferentes manifestações da linguagem musical, podemos levar nossos alunos a conhecer diferentes culturas e a perceber que a sua cultura não é a única.

Na minha experiência como estagiária em escolas da rede pública e particular de ensino, e atualmente como professora de educação infantil na rede particular, pude constatar que, se de um lado, confirma-se a desvalorização do ensino de Arte, e de Música, no contexto escolar, por outro, podemos observar que a educação musical tem sido mais valorizada nas instituições particulares, nas quais existe um professor de Música responsável para ministrar as aulas.

Nestes casos, a educação musical tem feito parte efetiva do currículo da escola. Resta saber se o seu desenvolvimento tem permitido aos alunos uma experiência musical sistematizada que possa gerar uma oportunidade para se ouvir diversas músicas e descobrir as suas possibilidades expressivas, assim como nos convida SNYDERS (1997, p.104):

“A música ‘não pinta o amor ou a aspiração de um dado indivíduo em dadas circunstâncias, ela pinta a própria paixão, o próprio amor, a própria aspiração’. A música supera as particularidades que certamente distinguem, mas também estreitam. Transcendendo as variações acidentais, acessórias, ela nos faz viver uma generalidade, porém concreta, imediata; o que a generalidade do conceito ou da palavra não chega a realizar”.

Precisamos oferecer a todas as crianças, indistintamente, tanto da rede pública quanto da rede particular de ensino, a oportunidade de conhecer em profundidade a linguagem musical.

Percorrendo a trajetória do ensino de Música nas escolas brasileiras, podemos constatar, de acordo com PINTO (1998), que o ensino de Música no Brasil, com a chegada dos portugueses, esteve relacionado à catequização dos indígenas pelos padres jesuítas; orações e documentos importantes eram transformados em canções para conversão dos indígenas ao catolicismo.

“Com a música os padres ensinavam a ler e a contar, utilizando jogos e brincadeiras. Os ensinamentos musicais tinham como base o canto gregoriano, usando mais tarde a modinha popular. Também era ministrado na igreja o ensino de instrumento de sopro e cordas, mas a forma preferida pelos padres era os Autos peças teatrais religiosas e morais cantadas que eram representadas pelos padres e índios em palcos improvisados dentro ou juntos a igreja” (PINTO, 1998, P.13).

No período Pombalino, com a expulsão dos jesuítas, o Marquês de Pombal ao tentar estruturar o reino com o absolutismo, propõe outra forma de organização de ensino, afetando principalmente o ensino de Música.

“Com isso, inicia-se o gradativo processo de desligamento da prática musical na escola regular, passando isto a acontecer nos conservatórios e academias, visando mais o aprendizado técnico da música” (PINTO, 1998, p.14).

Assim, desde a saída dos jesuítas (séc. XIII) até o início do séc. XX pouco foi feito em relação ao ensino de Música em nossas escolas.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (BRASIL, 1997), afirma-se que

“Na primeira metade do séc. XX, as disciplinas Desenho, trabalhos Manuais, Música e Canto Orfeônico faziam parte dos programas das escolas primárias e secundárias, concentrando o conhecimento na transmissão de padrões e modelos das culturas predominantes” (BRASIL, 1997, p.25)².

Com o advento do Estado Novo a música torna-se, pela primeira vez, uma disciplina obrigatória nos currículos escolares. O governo buscava, através dela, proporcionar uma formação moral e cívica através do Canto Orfeônico que difundia as idéias de coletividade e civismo.

Em 1942 foi criado o Conservatório Nacional de Canto Orfeônico para formação de professores em nível de segundo grau, responsáveis pelo ensino de Música nas escolas. Em 1960 surgiram os primeiros cursos de formação musical em nível superior. Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira de 1961, o ensino de música transformou do Canto Orfeônico em Educação Musical (BRASIL, 1997, p.26).

Na LDB de 1961 a Educação Musical passou a ter um enfoque diferente: a música deveria ser sentida, tocada, dançada, além de cantada. Sugeriu-se a utilização de jogos, instrumentos de percussão, rodas e brincadeiras, com a finalidade de promover o desenvolvimento auditivo e rítmico, além da expressão corporal e a socialização das crianças, que deveriam ser estimuladas a experimentar, improvisar e criar (BRASIL, 1997, p.26).

² Canto Orfeônico caracterizava-se como um coral em que idéias políticas eram passadas ao povo de acordo com o governo, partindo do tom patriótico e hínico. Seu principal representante foi Villa Lobos (Squeff & Wisnik, 1983, p.174).

Já em 1971, com a LDB 5.692, a Música foi incorporada à Educação Artística, extinguindo-se a disciplina Educação Musical. Esta lei aproximou as áreas de Artes Visuais, Cênicas e Música configurando um espaço pedagógico para o ensino de Arte. Essa medida resultou no quase desaparecimento das atividades musicais na escola, devido à formação precária do educador que não dispunha de um amplo conhecimento dessa linguagem (BRASIL, 1997, p.28).

A partir dos anos 80 constituiu-se o movimento Arte-Educação com finalidade de conscientizar e organizar os profissionais de Arte, tanto da educação formal como da informal. Isso permitiu que se ampliassem as discussões sobre a valorização e o aprimoramento do professor, que reconhecia o seu isolamento dentro da escola e a insuficiência de conhecimentos e competência na área, com o intuito de rever e propor novos andamentos à ação educativa (BRASIL, 1997, p.30).

Em 1988, com a promulgação da Constituição, iniciam-se as discussões que culminaram com a criação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 20 de dezembro de 1996. Com a lei 9.394/96 a Arte passa a ser considerada um componente curricular obrigatório da educação básica, sendo a Música destacada como uma das linguagens artísticas a ser ensinada na escola, ao lado das Artes Visuais, da Dança e do Teatro (BRASIL, 1997, p.30).

Atualmente, observamos, conforme explicitado anteriormente, que o ensino de Música dentro do contexto escolar é muito limitado, e se nosso objetivo é **fazer Arte compondo Música**, precisamos lutar para que essa

linguagem faça parte da vida escolar de nossos alunos.

“Para que a aprendizagem da música possa ser fundamental na formação de cidadãos é necessário que todos tenham a oportunidade de participar ativamente como ouvintes, intérpretes, compositores e improvisadores, dentro e fora da sala de aula. Envolvendo pessoas de fora no enriquecimento do ensino e promovendo interação com os grupos musicais e artísticos das localidades, a escola pode contribuir para que os alunos se tornem ouvintes sensíveis, amadores talentosos ou músicos profissionais. Incentivando a participação em shows, festivais, concertos, eventos da cultura popular e outras manifestações musicais, ela pode proporcionar condições para uma apreciação rica e ampla onde o aluno aprenda a valorizar os momentos importantes em que a música se inscreve no tempo e na história” (BRASIL, 1997, p.77).

A MÚSICA FAZ PARTE

“A experiência mais familiar aos jovens é a da música que toma conta deles: sabem bem que a música não os prende apenas de um determinado lado, não os atinge só em um determinado aspecto deles mesmos, mas toca o centro de sua existência, atinge o conjunto de sua pessoa, coração, espírito, corpo” (SNYDERS, 1997, p.79).

A Música é uma das formas de expressão significativas da Arte. Ela **faz parte** há muito tempo da vida das pessoas, desde as civilizações mais primitivas, nas quais foi criada como forma de comunicação. O homem primitivo comunicava-se através de murmúrios da voz, a partir dos sons e ritmos de seu próprio corpo (batimento

cardíaco, andar, respirar, falar...) e também daqueles vindos da própria natureza (barulho dos ventos, movimento das árvores, chuvas, cantar dos pássaros...)

“Não existe o silêncio total em condições de sobrevivência humana. Mesmo antes do aparecimento do homem sobre a terra, ruídos manifestavam-se através do bramido do mar, da força do vento sobre a vegetação, de rios correndo entre pedras ou mesmo de animais que emitiam sons em tentativa de comunicação... O que se deve ao homem é a combinação desses elementos para a exteriorização de suas emoções, através da palavra cantada, dando origem à música... A voz humana foi o primeiro instrumento de sopro ao alcance do homem e à sua custa teriam-se originado não só a palavra, mas o canto, a mais primitiva modalidade de música... O homem primitivo, por não encontrar explicação para a origem da música e ciente de seu poder sobre a mente humana, ligou-a à religião e à Magia” (SILVA, 1975, p.7-8).

Com o passar dos tempos, a Música foi transformando-se numa expressão artística.

No Egito, a Música era essencial para o exercício do sacerdócio sendo uma disciplina na formação religiosa, moral e educacional e fazia parte do Livro da Sabedoria (SILVA, 1975, p.10).

Para os gregos a Música englobava as atividades psíquica, religiosa, moral, e até material com alto valor educativo (SILVA, 1975, p.13).

Tame (apud, PINTO, 1984, p.9), evidencia que na filosofia dos antigos chineses a música era a base de tudo. Os chineses acreditavam que todas as

civilizações moldavam-se de acordo com o tipo de música que ouviam e cantavam. Se a música de um povo era melancólica, então seu povo seria melancólico. Além disso, uma civilização permaneceria inalterada e estável se sua música também não se alterasse. Caso houvesse alteração no estilo de música, o estilo de vida das pessoas também mudaria. Era em função disso que o Imperador procurava controlar as canções populares, árias e afinações dos diferentes territórios para que não houvesse modificação nem desvios nos modos de agir e de expressar do povo.

Precisamos relativizar esse entendimento... Penso que a Música, assim como as outras formas de expressão artística, como parte do contexto histórico-cultural da sociedade, ao mesmo tempo em que exerce influência sobre a cultura de um povo, também é influenciada por ela, não sendo a única responsável pelos modos de agir de um povo.

Assim como os chineses, nas civilizações da antiguidade clássica, existia grande preocupação dos governantes com as manifestações musicais, pois acreditavam que a Música exercia interferências no caráter e na personalidade das pessoas. Segundo alguns autores estudados, a Música sempre foi foco de atenção dos governos e governantes como meio para influenciar as decisões humanas.

A Música expressa, conforme as diferentes épocas e culturas, sentimentos, ideologias.

Na atualidade, graças à evolução tecnológica, nota-se a presença cada vez maior da Música na vida das pessoas. Observa-se, em nossos dias, um grande “consumo musical”: as pessoas estão constantemente em contato com algum tipo de música no seu dia-a-dia. Essa

difusão intensa da cultura musical se dá através de inúmeros instrumentos de comunicação.

Para EMANNUEL (1962) o principal elemento para essa difusão foi o rádio, que fez com que se multiplicasse subitamente o público que se interessa por Música: muitos, que nunca tinham ouvido um cantor profissional ou uma orquestra sinfônica, passaram a ter essa oportunidade através dele. Podemos ressaltar, ainda, que

“Atualmente, o desenvolvimento tecnológico aplicado às comunicações vem modificando consideravelmente as referências musicais das sociedades pela possibilidade de uma escuta simultânea de toda produção mundial por meio de discos, fitas, rádios, televisão, computador, jogos eletrônicos, cinema, publicidade, etc.” (BRASIL, 1997, p.75).

A Música, essa expressão artística que invade as nossas vidas e que tanto atrai e fascina o ser humano, tem recebido diferentes conceituações.

De acordo com BONA (1997, p.2) “A música é a arte de manifestar os diversos afetos da nossa alma mediante o som”; para Howard (1984, p.23) “A música é a relação entre os sons e não o próprio som, qualquer que seja o grau de artifício e de complexidade de sua sucessão”; para Schornberg (apud SNYDERS, 1997, p.105) “a música é o meio de exprimir o que só é exprimível em música”; e nas palavras de JEANDOT (1990, p.15) “(...) música é uma **linguagem** universal, mas com muitos dialetos, que variam de cultura para cultura, envolvendo a maneira de tocar, de cantar, organizar os sons e de definir as notas básicas e seus intervalos” (grifo meu).

Apesar das dificuldades em se conceituar Música, todos os autores estudados concordam que uma “boa” Música é uma sedução, um encantamento. Ela é capaz de comover, emocionar, sensibilizar, deslumbrar, embriagar, exaltar.

A Música, como forma de expressão do ser humano, traz consigo a possibilidade de exteriorizar as alegrias, as tristezas e as emoções mais profundas. Ela faz emergir nas pessoas emoções e sentimentos que as palavras são, muitas vezes, incapazes de evocar; a Música impulsiona a expressão corporal fazendo com que o corpo vibre com a excitação que o abala.

Especificamente em relação à criança, JEANDOT (1990, p.13) afirma que ela é muito afetada pela Música na questão da sensibilização afetiva e sensorial conduzindo-a a expressar aquilo que sente. A criança vive em um mundo totalmente musical, ou seja, um mundo no qual sons, ritmos e melodias misturam-se entre si. Estudos afirmam que a sua sensibilidade é extremamente apurada para a captação deste universo sonoro.

JEANDOT (1990, p.12) observa que a criança, antes mesmo de nascer, já tem o primeiro contato com um dos elementos fundamentais da Música - o ritmo, através das pulsações do coração materno. Segundo Wagner (apud JEANDOT, 1990, p.12)

“a música é a linguagem do coração humano. Esse conceito nos leva à idéia de ritmo, que é o elemento básico das manifestações da vida e também um princípio fundamental da música. Alguns povos podem desconhecer a melodia e a harmonia, mais nenhum desconhece o ritmo”.

Após o nascimento, a criança encontra-se com o universo sonoro que a cerca e que representa agora seu novo contexto, começando a ter contato direto com sons variados, sejam aqueles produzidos por objetos ou pelos seres vivos. A música permite que a criança vá conhecendo o mundo, pouco a pouco.

Quando a criança chega à escola já traz ritmos, sons etc., que devem ser considerados no processo educativo. Às crianças deve ser dada a oportunidade de viver a Música, apreciando, cantando e criando, fazendo Arte e compondo Música...

Portanto, através da educação musical acredito ser possível despertar o interesse da criança pela Música de tal modo que ela possa conhecer a pluralidade da linguagem musical. Além disso, penso que a escola tem o papel fundamental de criar situações para que o aluno possa vivenciar, analisar e compreender a produção artística musical.

“A escola é uma realidade complexa e dinâmica: produto histórico da sociedade na qual se insere, não deixa de influenciá-la, também produzindo essa mesma sociedade. É portanto um espaço vivo, onde o processo de ensino-aprendizagem, no seu fazer-se a cada dia, é um movimento que traz em si a possibilidade do novo. A musicalização, portanto, não deve trazer um padrão musical exterior e alheio, impondo-o para ser reverenciado, em contraposição à vivência do aluno”
(ABROMOVICH, 1986, p.31).

Reconhecer, considerar o gosto musical dos alunos no processo educativo não pode significar, de forma alguma, restringir o ensino de Música à cultura musical dos alunos. É na relação dialética entre o patrimônio musical da humanidade e o patrimônio musical dos

alunos que o professor deve buscar os caminhos para tematizar o ensino de Música na escola.

Diante da variedade musical a que estamos expostos, certamente os alunos vão preferir este ou aquele gênero de acordo com o seu “gosto”, que é construído historicamente na relação com o contexto cultural. Para SNYDERS (1997, p.62)

“As variações do gosto não anulam as obras-primas, mas fazem com que elas sejam ouvidas diferentemente, comentadas diferentemente segundo a época - e é por isso que elas vivem: seu sentido permanece aberto, jamais está acabado, não se esgota jamais”.

Daí a importância de estarmos atentos para a diversidade do acervo musical da humanidade, para podermos oferecer aos nossos alunos a oportunidade de conhecer outros gêneros musicais aos quais eles não têm acesso imediato. Não é possível gostar daquilo que não se conhece...

Afinal de contas, *“A escola é o local onde se apresenta aos jovens, a todos os jovens um tipo de poesia, modos de raciocínio rigoroso que eles não tinham atingido até então”* (SNYDERS, 1988, p.211).

Isso quer dizer que...

“(...) é possível ao professor ultrapassar a vida cotidiana dos alunos, pedir aos alunos para ultrapassarem sua vida cotidiana sem desvalorizá-la nem desaprová-la; minha escola espera dos professores que, sem renunciar completamente à cultura elaborada, eles estejam abertos para a cultura dos jovens, que reconheçam o valor de seus gostos e modos de vida” (SNYDERS, 1988, p.217).

É nessa perspectiva de diálogo entre mundos diferentes e por vezes conflitantes que a linguagem musical no contexto escolar deve ser ensinada.

COMPASSO FINAL

Multidões de sentimentos
Ultrapassam
Situações em que,
Inabaláveis
Canções, encontram
A alegria de expressar
sua linguagem
E
Entre inúmeras incertezas
Durante minha caminhada
Uni-me à esperança de
Caminhar, cantar e
Atentamente ouvir uma
Canção, para que
Através de sua linguagem
O sol e a lua exprimam
seus sentimentos de coração.
(Eleide)

Passaram-se 9 semestres!

Falta somente o **COMPASSO FINAL,**
PARA COMPOR MINHA MÚSICA!

Durante todo meu percurso, aprendi muitas coisas... Dentre elas, os caminhos para me tornar uma EDUCADORA.

Vários temas foram estudados durante a minha formação, especialmente no que diz respeito ao ensino das disciplinas que abordam a linguagem gramatical, a linguagem matemática, o campo das ciências, reforçando a idéia presente em nossa sociedade de que esses conhecimentos são mais importantes do que os relacionados ao campo da Arte.

No entanto, sabemos que ...

“Tanto a ciência quanto a arte, respondem a essa necessidade mediante a construção de objetos de conhecimento que, juntamente com as relações sociais, políticas e econômicas, sistemas filosóficos e éticos, formam o conjunto de manifestações simbólicas de uma determinada cultura. Ciência e arte são, assim, produtos que expressam as representações imaginárias das distintas culturas, que se renovam através dos tempos, construindo o percurso da história humana” (BRASIL, 1997, p. 33).

O tema desse estudo – **O ENSINO DE MÚSICA NO CONTEXTO ESCOLAR** – praticamente não foi abordado no curso de graduação. Nesse tempo todo, tivemos apenas uma disciplina (EP158 – “Educação, Corpo e Arte”) que tematizou a Arte na escola.

Foi nessa disciplina que entrei em contato com a professora ELIANA AYOUB, a qual se dispôs a me orientar, tornando-se uma grande amiga que compartilhou comigo as minhas inquietações sobre o ensino da Música na escola.

Nesse sentido, minha intenção com este estudo é alertar para importância do ensino de Música no contexto escolar, mostrando que ela **faz parte** de nossa vida.

E para finalizar, gostaria de enfatizar a necessidade de que os cursos de Pedagogia ofereçam uma formação de qualidade no campo da Arte, para que como educadores possamos trabalhar o ensino dessa área do conhecimento humano em toda sua amplitude de possibilidades.

REFERÊNCIAS

ABROMOVICH, Fanny. As Pseudomudanças na Educação Criativa. In: *Fazendo Arte*, nº. 9, 1986.

BONA, Paschoal. *Método Musical*. São Paulo: IGAL, 1997.

BRASIL. Secretaria do Ensino Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: arte*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

EMMANUEL, Maurice [et.al]. *Iniciação à música*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Globo, 1962.

HOWARD, Walter. *A Música e a Criança*. São Paulo: Sumus Editorial, 1984.

JEANDOT, Nicole. *Explorando o Universo da Música*. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1990.

LEITE, Maria Izabel Ferraz Pereira. Desenho infantil: questões e práticas polêmicas. In: KRAMER, Sônia, LEITE, Maria Izabel Ferraz Pereira (Orgs.). *Infância e produção cultural*. Campinas: Papirus, 1998, p.131-150.

PINTO, Priscila Graner Silva. *Musicalização Escolar: vivenciando a música erudita*. Campinas: (s.n.) 1998. SAVIANI, Dermeval. *A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas*. Campinas: Autores Associados, 1997.

SILVA, Vânia Marise de Campos e. *Educação especializada para deficientes mentais*. Goiana: Oriente, 1975.

SNYDERS, Georges. *A escola pode ensinar as alegrias da música?* 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. *A alegria na escola*. São Paulo: Manole, 1988.

SQUEFF, Enio, WISNIK, José Miguel. *Música*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Eleide Gonçalves Castilho
Graduanda pela Universidade
Estadual de Campinas (UNICAMP)